

PORTUGALIA

Materiaes para o estudo do povo portuguez

POLJA GREY

Director - Ricardo Severo
Redactor em chefe - Rocha Peixoto
Secretario - Fonseca Cardoso

SUMMARIO

MEMORIAS

	PAGS.
Antonio dos Santos Rocha — ESTAÇÕES PRE-ROMANAS DA IDADE DO FERRO NAS VISINHANÇAS DA FIGUEIRA, com uma Nota sobre os restos humanos da necropole de Ferrestello, por Ricardo Severo e Fonseca Cardoso (com 4 illustrações no texto e 13 estampas)	301-359
Rocha Peixoto — ETHNOGRAPHIA PORTUGUESA: O TRAJE SERRANO (com 55 ill.)	360-389
Alberto Sampaio — As PÓVOAS MARÍTIMAS DO NORTE DE PORTUGAL.	390-401

VARIA

NOTAS E COMMUNICAÇÕES

Ricardo Severo — As arrecadas d'ouro do castro de Lavundos (com 7 ill. <i>Le 1.º et. 2.º</i>)	403-412
José Fortes — Duas joias archaicas (com 3 ill.)	412-416
Ricardo Severo — Necropoles lusitano-romanas de inhumação (com 22 ill.)	417-431
Manuel Monteiro — A loiça de Miranda do Corvo (com 6 ill.)	431-438
Rocha Peixoto — Os cataventos (com 46 ill.)	439-448
José Pinho — Ethnographia amarantina: A pesca (com 25 ill.)	448-459
Tude M. de Sousa — Costumes e tradições agricolas do Minho: Regimen pastoril dos povos da Serra do Gerez	459-472
Tavares Teixeira — Folk-lore transmontano	472-473
Pedro Fernandes Thomaz — Folk-lore beirão (com duas musicas)	473-474

NOTICIAS

Esconderijo morgeano da Carpinteira, por J. Fortes.	475
Castros do concelho de Amarante, por J. Pinho	476
Casa e necropole lusitano-romanas de Villarinho, por J. Fortes (com 1 ill.)	477-478
Achado de moedas romanas em Braga, por J. M.	478
José Fortes, por R. S.	478

NOTICIAS EPIGRAPHICAS

Analecta epigraphica (com 4 ill.), por J. Fortes	479-480
--	---------

OS MORTOS

Francisco Ferraz de Macedo (com 1 retrato), por F. C.	481
José Henriques Pinheiro, por J. F.	482
Albano Bellino, por J. F.	482
Joaquim Maria Pereira Botto, por J. F.	482
Guilherme Augusto de Vasconcellos Abreu, por F. C.	483
Manuel Dias Nunes, por R. P.	483

BIBLIOGRAPHIA

LIVROS E OPUSCULOS

JOSÉ QUEIROZ, <i>Ceramica portuguesa</i> — por R. P. (com 9 ill.)	484-489
J. FORTES, <i>La spirale préhistorique et autres signes gravés sur pierre</i> — por F. C.	489
JOÃO MONTEIRO DE MEYRA, <i>O concelho de Guimarães</i> — por F. C.	489-490
A. THOMAZ PIRES, <i>Cancioneiro popular politico</i> — por R. P.	490
J. LEITE DE VASCONCELLOS, <i>Ensaio ethnographico</i> — por R. P.	490
FRANCISCO BAPTISTA ZAGALLO, <i>Relatorio da exposiçào alcobacense realisada de 1 a 13 de maio de 1906</i> e MANUEL VIEIRA NATIVIDADE, <i>Alcobaça d'outro tempo</i> — por R. P.	490

PUBLICAÇÕES PERIODICAS

<i>Boletim da Sociedade Archeologica «Santos Rocha»</i> , por J. Fortes (com 1 ill.)	491-492
--	---------

COLLABORADORES ARTISTICOS D'ESTE FASCICULO: D. Aurelia de Souza, D. Clotilde da Rocha Peixoto, D. Sophia de Souza, Arthur Cruz, Igo de Pinho, José Fortes, José Pinho, Ricardo Severo, etc.

CLICHÉS DE: D. Maria de Lemos de Magalhães, José Calheiros, Ricardo Severo, Rocha Peixoto, Souza Pinto, etc.

SUPPLEMENTO

<i>O Archeologo Português</i> , por R. P.	492-A-492-S
---	-------------

BIBLIOGRAPHIA

LIVROS E OPUSCULOS

José Queiroz — CERAMICA PORTUGUEZA, 4.^o, VIII-449 pags. e numerosas illustrações. Typographia do Annuario Commercial. Lisboa, 1907.

NOVA contribuição para a ceramographia nacional, enriquecendo-a com bastantes materiaes ineditos de pormenor e com numerosas e excellentes reproduções graphicas. Se faltam na illustração peças conhecidas que grato seria vêr vulgarizadas pela photogravura, se a preferéncia dada a outras que este livro archiva pôde ser discutivel, se a ausencia de tres planchas coloridas onde se fixassem, tanto quanto possivel, alguns typos caracteristicos, motiva legitimo pesar, cumpre attender a que esta obra é edição do auctor, carecida inteiramente do auxilio official e alheio, e, pelo vulto, pelo luxo discreto e ainda pela copia de illustrações e de marcas, dispendiosissima e irremuneravel. Honestamente, embora com notação bibliographica por vezes deficiente, o snr. José Queiroz presta a devida homenagem aos seus precusores, avultando, entre todos, o snr. Joaquim de Vasconcellos a quem o A., com acerto, chama Mestre e a cuja obra de critica archeologica e artistica entretece os mais justos e calorosos louvores, utilizando a cada passo os seus trabalhos magistraes de sagacidade e erudição intitulados *Exposição ceramica* (Porto, 1883) e *Ceramica portugueza* (Porto, 1884), ambos extractos da *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Por egual o snr. Antonio Augusto Gonçalves, cuja *Breve noção sobre a Historia da ceramica em Coimbra* bastaria para denunciar o seu copioso saber e o seu entendimento scintillante, merece do A. effusivas consagrações. E não menor preito tributa o snr. José Queiroz a Charles Lepierre, o Professor e chimico insigne, que subscreve o *Estudo chimico e tecnologico sobre a ceramica portugueza moderna* (Lisboa, 1899) e ao qual vem appenso o estudo de Gonçalves precitado. Alludindo ainda a outros monographos, o A. assim designa a obra restricta, sem duvida, mas notavelmente educativa, que lhe serviu de base estrutural para o seu livro. Apenas nos move a reparos o mutismo quasi absoluto ácerca d'um dos nossos amadores mais doutos e mais lucidos, e que todos conhecem no paiz, o medico snr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, cuja collecção tam escolhida como notoria constitue, com a de A. A. Gonçalves, o mostruario celebrado do Museu do Instituto e no qual, aliás, o snr. Queiroz obteve excellentes luzes e modelos. E ainda é para anotar o silencio sobre outros colleccionadores muito cultos, e bem assim o papel apagado de Guerra Junqueiro no seu esboço historico da ceramica em Portugal, quando não ignoramos, todos nós, a lucilante cooperação do Poeta na estíma, salvação e culto da nossa ceramica artistica, grande parte da qual, por elle reunida, está hoje n'outras mãos e até surge, de onde a onde, por entre as illustrações da recente memoria. Consignemos, a tal respeito, duas verbas olvidadas: A *collecção de faianças de Guerra Junqueiro*, magnifico folhetim do insigne critico de arte, snr. Antonio Arroyo, inserto em *O Primeiro de Janeiro* de fins de abril de 1894; e o extenso artigo exarado em principios de maio do mesmo anno e no mesmo jornal, intitulo *Faianças* e rubricado por quem isto escreve. Associamo-nos, por ultimo, ao parecer do nosso commum amigo e mestre, snr. Joaquim de Vasconcellos, exhibido no fasciculo 64 da *Illustração portugueza* (Lisboa, 1907) e lamentando a ausencia d'uma bibliographia completa sobre os varios ramos da ceramica nacional.

O A. teve a fortuna, que se traduz por uma canceira e dispendio exorbitantes, de examinar 8:000 peças, espolio consideravel e sufficiente para a elaboração d'uma obra de que este livro poderia representar o seu primeiro grosso tomo. Ficam tocados os principaes aspectos do assumpto: esboço historico, comprehendendo o caracter geral da ceramica portuguesa, primordios, filiações e influencias; as fabri-



Fig. 1

cas, sua historia, economia e produção; a esculptura em barro; os tijolos; um dictionario de marcas e um dictionario de ceramistas. Mas a brevidade com que alguns capitulos são tratados, faz-nos crer no proseguimento do trabalho com maior individuação — a não ser que o brutal sacrificio d'uma tarefa incompensada estanque tam singular boa-vontade. Adstringindo-se, todavia, a este volume, então convenhamos em que o rotulo que o apregoa — *Ceramica portuguesa* — foi demasiadamente lato.

Assim, referindo-se de passagem ás ancestralidades exhumadas nas necropoles e outras estancias pre e proto-historicas, o A. passa immediatamente ás influencias romana e moura com pouco mais avultada sufficiencia. Ora a contar, sequer, da idade do bronze, e afóra as intrusões latinas e arabes, o snr. José Queiroz tinha, nas publicações da especialidade, e sobretudo nos museus, innumerables materias que, atravez do seu livro, muito elucidariam o publico ácerca de themas decorativos, galbas e infinitas modalidades eurythmicas do vasilhame do passado. Um sobrio e lucido capitulo, sem emphase nem erudição perturbante, era um lindo ornamento e, principalmente, uma lição.

A loiça popular actual ou commum, a que o A., um artista, chama constantemente ordinaria, descarta-a o snr. José Queiroz quasi por completo. E aqui de novo me encontro, n'um mesmo lamento, com o snr. Joaquim de Vasconcellos. Ora, como se verificou na Exposição do Porto de 1882, a multiplicidade das formas populares revela-se, a bem dizer, inexaurível. Ha centros de fabrico, como Villar de Nantes ou Miranda do Corvo, onde certos typos, e nomeadamente os hydrocerames, teem o côrte expontanea e finamente artistico que os loiceiros cultos das grandes fabricas não souberam dar ás suas vasilhas! E independentemente da infinita variedade formal, que vivo interesse, mesmo para um estheta, não desperta a multiplice ornamentação incisa, digital, pintada, brunida e relevada de dezenas de olarias ruraes! E que estreita solidariedade com o passado não deriva do exame de tanta ceramica rustica fabricada na Beira, em Traz-os-Montes, no Minho e até na Galliza, região que o A. visitou e onde, principalmente em Lugo, se deveria ter offerecido aos seus olhos de analysta uma das mais chocantes reviviscencias dos velhos schemas olaricos proto-historicos!

Porventura o quasi esquecimento da faiança ordinaria ou loiça vidrada branca implica maior dissabor para os leitores attentos do seu livro. Com a faiança fina tem aquella mais intimas e indestructiveis affinidades: galbas, paleta, factura, assumptos e themas decoraes. A subalternidade da pasta e do esmalte, o empeno, o abuso ou quasi regimen da estampilha, a grosseria plebeia e insciente de certos debuxos, o desarraoadado emprego, por vezes, da esponja, a rudimentar delineação dos themas illustrativos, outros defeitos mais, não annullam nem sequer opalisam o manifesto parentesco, o fundo ar de familia que liga umas e outras. Bem pouco, nada ás vezes, é diferenciada a capacidade artistica do illustrador, antes a materia prima e as condições de fabrico separam apenas as vasilhas das duas procedencias. Dois exemplos, á mão: o snr. José Queiroz apresenta a pag. 216 a reproducção d'uma infusa de Darque, polychromica, do fim do seculo XVIII cujo motivo inspirador em grande parte aqui lhe estampo, na fig. 1, representativa d'um prato igualmente polychromico de loiça vidrada commum, anonymo, e datando, quando muito, da primeira metade do seculo XIX. Nas figs. 2 e 3 ahi estão dois pratos, o primeiro de fabrico perfeito, esmalte lacteo, brilhante, suave e muito unido, marcado I e do seculo XVIII, o segundo com 30 annos, decerto, de existencia, igualmente polychromico, churro, deformado, tecnicamente pessimo. E o mesmo para as aves, para os animaes da fabula, para os typos e mobiliario, para o assumpto mystico, amoroso ou erotico, até ainda para o allegorico e mythologico.

Comprehende-se que, sendo o snr. José Queiroz um artista, e por signal, com fundamentadas rasões, muito estimado, desdenhasse o que não entra na categoria da denominada loiça artistica — incluindo mesmo, por manifesta obnubilação dos amadores, certas monstruosidades e varios productos franca e soberanamente detestaveis que motivariam, com justeza, um trecho capitulado «Teratologia ceramica». A dentro, porém, da especialisação em que se accomoda ha novidades e minudencias interessantes, só agora desvendadas. A sua descriminação dos estylos, porém, é vaga e confusa. E que quer dizer estylo europeu? Decerto é uma maneira de destrinçar padrões da Europa dos que se nos exhibem em «estylo oriental». Mas ha que distinguir! Temos o Japão, a China (e, especialisadamente, Cantão), a India, a Persia, etc. Ocioso, mais que nunca, é accentuar as inconfundiveis caracteristicas que marcam a loiçaria de taes proveniencias. Portanto: quaes d'elles?

O mesmo succede quanto á delimitação dos seculos. Sempre se consegue, com o auxilio das estampas, a comprehensão dos dizeres e asserções do auctor. Mas um curioso espectador da galeria, como nós, só com esforço desnecessario alcança reconhecer, ao cabo, que muito bem viram já, nas linhas graeas, os



Fig. 2



Fig. 3

seus precursores. A verdade, emtanto, é que o A. não era obrigado a inventar factos novos. Bastas minucias nos indica elle, embora não abalem fundamentalmente o que estava definido. Mas porque viu 8:000 peças, como se dispensa o snr. José Queiroz de nos esclarecer co n um catalogo geral dos productos? Que typos de objectos se fabricaram e em que proporção plausivel em face dos usos provaveis e dos despojos subsistentes? As características de certas fórmãs do vasilhame, e principalmente a ceramoscopia das grandes peças decorativas? Quaes os assumptos predominantes da illustração? Mundanos, caricaturas, phantasistas, religiosos ou mythicos? Como se produsiram, em que limites e com que sentimento ou intuito?

A parte a significação informativa d'estes dados, o exame de tam copiosa serie ensejaria ainda outros serviços que todos nós vivamente lhe agradeceriamos. Um d'elles seria a lista das familias cujos brasões ennobrecem tantas peças. Sabido que raras se eximiam á posse da cerâmica exotica, não seria interessante, sob varios aspectos, conhecer tambem as baixellas armoriadas de fabrico nacional? Não estimariamos ainda conhecer, pelas legendas que perduram, as comunidades religiosas que encommendaram e usaram appparelhos de loiça portuguesa adrede manufacturada e rotulada? Não conviria reunir ainda toda a especie de inscripções — amorosas, patrioticas, enigmaticas, chalaceantes, etc. — que se inserevem em tam vasto mobiliario de cópa e ornamento? Não mereceria a pena transcreever essa vasta e curiosissima rotulção dos boiões de botica? Certo o snr. José Queiroz adeja por sobre um ou outro d'estes topicos, mas muito de leve e de modo a ficar em aberto um grande hiato. A inclusão, nas descrições parcelares das fabricas, de alguns d'estes pormenores de fórmãs, estylos, typos, assumptos, heraldica e legendas não basta. Tudo se dilue e pulverisa. E' para sentir, pois, a carencia, ao menos, d'uma recapitulção geral a grandes traços.

Passando á parte que se occupa de azulejos o snr. José Queiroz assignala de principio, e muito bem, que seriam necessarios varios in-folios para descrever os que cá temos. Allude, de passagem, aos hispano-mouriscos, existentes principalmente ao sul de Coimbra, o que é verdade, pois, para aquem do Vouga, só os temos observado, por enquanto, em Grijó, no supprimido convento da Ave-Maria do Porto, no extincto convento da Conceição em Leça da Palmeira, n'um annexo da egreja de S. Francisco em Villa do Conde, em Santo-Thyrso, no extincto mosteiro de Tibães perto de Braga, n'uma capella de Santo Antonio dos Frades em Ponte do Lima, e no frontal do altar-mór da parochial de Bravães proximo de Ponte da Barca. Apresenta o A. varias considerações, acertadas em geral, e já agora facilitadas com a documentação, não: diremos de Ceuleneer, nas suas

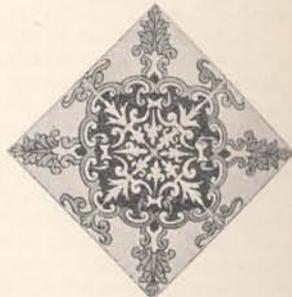


Fig. 4



Fig. 5

boa, 1906) dos azulejos de figura avulsa de Coimbra, o snr. Gabr'el Pereira de alguns do Alentejo e, por fim, o snr. Joaquim de Vasconcellos, mais e melhor que todos, nos seus já citados trabalhos ceramicos.

Notes archéologiques sur le Portugal (Bul. de l'Acad. d'Arch. de Belgique, Anvers, 1882), demasiado incerto, insufficiente e futil, mas com outros depoimentos criticos ou iconicos de mór valor, como os da *Arte Portuguesa* (Lisboa, 1895), dos snrs. Casanova, G. Pereira e D. José Pessanha, os da *Quinta e palacio da Bacalhoa em Azeitão* (Lisboa, 1895-8) do mallogrado Joaquim Rasteiro, os de *O Paço de Cintra* (Lisboa, 1903), do snr. conde de Sabugosa e os dos snrs. A. A. Gonçalves, Gabriel Pereira, Joaquim de Vasconcellos e outros estimaveis e illustres monographos.

Demora-se o A. na descripção, muito interessante, dos azulejos de Bemfica, dandonos uma ideia geral d'esse verdade'ro museu, como seria para desejar quanto ás maravilhas que ahí tem em S. Vicente e como já anteriormente, em menor ambito, se occuparam Ribeiro Guimarães, no 1 tomo do *Summario de varia historia* (Lisboa, 1872), dos da Senhora do Cabo, em Cezimbra, o imaginoso Thomaz Mendes Norton nos *Études sur les œuvres d'art... au monastère de Refojos do Lima* (Lisbonne, 1888) dos que guarneciam varias dependencias do referido convento, o snr. Manuel Monteiro no fasciculo 13 da 2.^a serie dos *Servões* (Lis-

Muitos materiaes ineditos opulentam a serie conhecida, obtidos principalmente em Lisboa, e caracteristicos dos varios typos e epochas. É este um magnifico serviço prestado ao prodigioso inventario a proseguir — nos figurados, por exemplo, desde os historicos, como os da batalha de Ourique em Castro Verde, não longe effectivamente de Ourique e no districto de Beja, até aos inspirados nas hagiographias e santoraes populares de numerosas egrejas e os mundanos e de costumes, como os que revestem, n'uma profusão e brilho que é um delirante enlévo, esse famoso corredor do seminario de Santarem. O snr. José Queiroz não esquece a multiplicidade das applicações do azulejo, incluindo até os pavimentos, como o chão da capella da Senhora da Piedade, entre Cintra e Collares — ao que poderia acrescentar o caso de certa capella da Conceição de Beja. Esta singular utilização não é rara, ao que lemos, em Italia; e na Hespanha, que o A. conhece, não lhe escaparia decerto, entre outras, certa capella da famosa basilica da Virgem do Pilar, em Saragoça, n'um estado ainda de tanta integridade que faz reflexionar, com tristeza amarga, nas sevicias com que, entre nós, os armadores e as confrarias maculam os muraes.

O snr. Joaquim de Vasconcellos, sempre nosso patriarcha, estabeleceu as characteristics chromaticas fundamentaes dos nossos azulejos, a contar do seculo xv para cá, o que, effectivamente, as descobertas ultteriores teem confirmado, assignalando assim os admiraveis e lucidos conceitos do notavel historiographo da arte nacional. O snr. José Queiroz, com os seus originaes depoimentos, implicitamente acrescenta uma nova e prestimosa adhesão. Como quer, porém, que ainda sejam, entre varios amadores, motivo de litigio as attribuições assentes, conviria que o A. tivesse esclarecido mais certas descrições de azulejos datados, e principalmente aquelles em que a ornamentação consiste em laçarias e estylisações phytomorphicas. Melhor ainda seria acompanha-las de desenhos — se nos fosse licito sollicitar ainda mais de quem tanto se prodigalisou em avultados sacrificios!

Vem a proposito archivar alguns documentos confirmativos. A capella do Corpo Santo da matriz de Villa do Conde exhibe dois retabulos de 9×15 azulejos (?) cada um, polychromaticos, representando um d'elles certa figura empunhando uma vela e outro a Virgem dos Navegantes. O que resta das paredes é revestido com losangos d'um padrão banal e vulgarissimo (fig. 4), azul, amarello franco e amarello tostado, interpolados n'um xadrez de placas azues e brancas. Sob um dos retabulos lê-se:



Fig. 6

FAZENDO ME N S^a DA BOA VIAGEN MERSE | DE LEVAR E TRASER A SALVAM^{to}
AMEV FILHO | IOÃO PERES VELHO NESTA VIAGE QVE VA | FAZER NA NAO IHS
M^a PROMETO DE LHE | MANDAR FAZER DEAZULEIO A SVA CAPELA

E sob o outro, egualmente com caracteres por vezes inclusos ou conjuntos:

E CORPO SANTO | PARTIO DESTA VILA DEVILA DECON | DE PERA ANGOLA NO
ANNO DE 1622 | ESTA PROMESA FES ANOSA SNRA DE | BOA VIAGEM TOME PERES
MIELA

A capella-mór da Misericórdia da Povia de Varzim está azulejada com outro padrão egualmente commum (fig. 5), mesmas côres e titulado como claramente se lê na reprodução (fig. 6). E aqui estão, do primeiro quartel e dos fins do ultimo do seculo xvii, mais dois precisos e preciosos documentos.

Ainda uma capella lateral do templo romanico de S. Pedro de Rates apresenta um padrão de azulejos (fig. 7) visivelmente deslocados d'outro lugar, anepigraphos, mas por entre os quaes se veem duas placas avulsas e separadas contendo os numeros 16 e 17. Qualquer das duas combinações possiveis não altera fundamentalmente o estipulado.

Por ultimo e ao desembocar no alto da rua do Visconde, na Povia de Varzim, surge-nos n'um predio um retabulo de 12×13 azulejos (fig. 8), em amarello, laranja, azul e roxo, que é, certamente, um dos termos agonisantes da polychromia no primeiro quartel do seculo xviii. Diz assim o letreiro, aliás já obliterado:

NO ANNO DE 1713 MANDOV FAZER... | ESTA OBRA PEDE HV, P...A... | PELLA
ALMA DO MAIOR PECADOR | SERA' PELOAMOR DE DEOS OVSEIA | P...A MAIS DEZAM |
PARADA ALMA Q ESTANAS P.^{as} DOPRGATORIO

Sobre os imaginarios-ceramistas o A. aproveita os subsidios condensados em varios trabalhos e sobretudo, para Aveiro, os do snr. Marques Gomes nas suas *Notas e additamentos ao Catalogo da Expo-*

sição de arte religiosa no Collegio de Santa Joanna (Aveiro, 1895). Não ignorou, como se vê por uma citação sem indículo preciso da fonte, o brilhantíssimo artigo de João Barreira intitulado *Os presepios de barro*, inserto no fasc. 6 da 2.^a série dos *Serões* (Lisboa, 1905) e reedição melhorada d'outro anteriormente publicado no *Jornal do Commercio*, de Lisboa. Acrescenta dados novos; mas apenas cita, caminhando, o famoso apostolado de Santa Cruz, hoje religiosamente conservado pelos illustres antiquarios de Coimbra, e que merecia, não obstante a sua origem, uma attenta e carinhosa referencia. E sobre as figurinhas de costumes do Porto, que reclamam uma integral monographia, e os interessantes coroplastas indigenas, ao menos duas paginas instruiriam elementarmente os alheados.

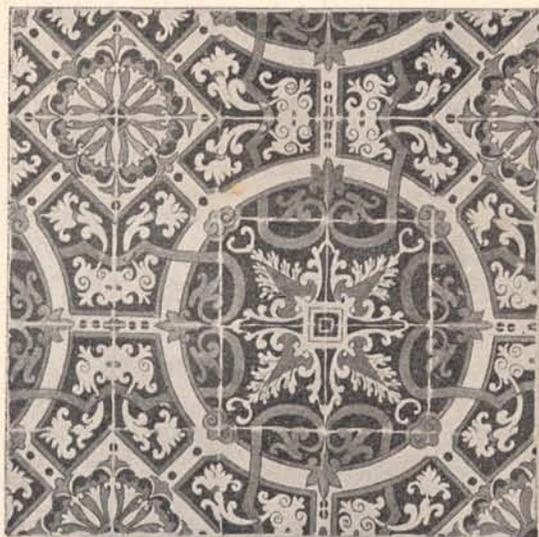


Fig. 7

muito bem em variantes (fig. 9, a, b e c). O mesmo para outra marca (fig. 9, d) correspondente ao seu numero 170, e ainda, mais ou menos, para os BB, para os RR e etc.

Como na face anterior de certas peças se vê, por exemplo, S. BENTO, tambem no fundo d'outras, e no lugar onde estão communmente sigladas, se observam rubricas identicas. Ahi está esse S. IOZE n'uma jarra em tubo, de Vianna, decerto inicialmente destinada á egreja e convento d'aquella invocação na cidade que deu o nome ao fabrico (fig. 9, e). Isto só importa para principiantes; mas é prudente contar com elles. Todavia, ás marcas de Darque registradas pelo sr. Figueiredo da Guerra no *Archivo Viannense* (Vianna, 1895) e bastante ampliadas nas duas planchas que acompanham a *Esp. de ceramica* do sr. Joaquim de Vasconcellos, o sr. Queiroz addita algumas curiosas e ineditas.

E' dubitativa a procedencia da sua marca 306. Aqui está ella de novo (fig. 9, f) e tambem vinosa, no fundo posterior d'um grande prato cuja illustração primordial, a azul e roxo, se inspira na lenda de Santo Antonio fallando aos peixes. Mas será MATOS uma rubrica de oleiro, ou a denuncia da modestia d'um cliente a contrapor á petulancia exhibitoria, na face anterior, d'um snr. TORES ou d'um snr. ROIZ? Tudo é verosimil embora, pelo uso, esse lugar seja classicamente destinado a marcas de fabrico. Mas já a sua 96 em que MAFRA se sob-põe a um C e que promove a tradição ou a hypothese d'uma fabrica local destinada a abastecer o mosteiro, encontramos-la (fig. 9, g), sem o C, ao alto do bojo d'uma pequena e graciosa oia, dupla e symmetricamente azelhada, isto é, n'um lugar onde não era frequente annotar a procedencia do artefacto figulino ¹.

Não nos é possivel, todavia, entrar demasiadamente em detalhes d'esta indole, dos referentes a certas reivindicações, dos attinentes a attribuições discutiveis. Urge terminar consignando a apresentação final d'um



Fig. 8

¹ Podendo convir, por virtude de elucidativas constatações, não ignorar a paragem d'algumas peças a que se allude, aqui archivamos os informes devidos: ao Museu municipal do Porto pertence a floreira de Darque cuja marca é indicada por um b na fig. 9, o bem assim os azulejos, a que nos referimos acima, outrora existentes em Santo Thyrso e nos extinctos conventos da Conceição de Leça e de S. Francisco de Villa do Conde; ao sr. Ricardo Severo pertencem os pratos onde se veem as marcas figuradas em a e f da fig. citada e ainda o pequeno boião cujo rotulo assignalamos em g; os tres pratos das figs. 1, 2 e 3, a pia de agua benta com a marca em c e as jarras em d e e fazem parte d'uma antiga e insignificante colleção (!) do A.

de J. B. ...
... sobre ...
... M. Porto ...
(Santo) ...
... 1807 ...
... 1848

dicionario de fundadores, proprietarios, pintores e decoradores de fabricas, bem como de esculptores-barristas e de ceramistas-amadores. Eis outro serviço de prestimo a registrar e a louvar. Verificamos, contudo, que o snr. Queiroz traslada da litteratura ceramographica nacional, e, maximamente, dos estudos do snr. Joaquim de Vasconcellos, os nomes de humildes e ignorados ceramistas provinciaes que fabricam a loiça dos pobres. Avulta assim a lista, não ha duvida. Mas não resalta patente um illogismo entre o vago apreço votado á loiça rustica e o aproveitamento dos nomes dos obscuros oleiros das aldeias? A estarmos em erro, então faltam no dicionario alguns milhares!

Se fosse possível, n'este paiz, contar com um exito editorial que animasse a uma segunda tiragem, certos ficamos de que o snr. José Queiroz, esclarecido, voluntarioso e patriótico, corrigiria alguns senões que afinal sempre acompanham a obra humana. Com os trabalhos litterarios acontece, não raro, o que dizem succeder aos donos dos predios: depois d'estes findos é que se vê como deveriam ser edificados.

Mas discordes aquí e além, não nos eximimos, por tal, a rendermos ao snr. Queiroz as mais sinceras e calorosas homenagens. Cá em casa sabe-se o que custam semelhantes empreendimentos, sem ajudas de custo nem a cooperação, sequer, dos caixotins e dos prelos da Imprensa Nacional. Como assignalava o snr. Joaquim de Vasconcellos no seu folhetim *Ceramica portugueza*, inserto no *Commercio do Porto* de 29 de maio de 1907, é admiravel vêr, nos tempos de egoismo que correm, alguém «capaz de escrever e imprimir, á sua custa, o formoso volume» a que acabamos de referir-nos.

O snr. José Queiroz praticou, com desusada coragem e abnegação, uma acção meritória e nobilissima. E o seu lindo livro, pela condensação d'uma grande parte do adquirido, pelo informe inedito e pelo subsidio iconologico fica sendo indispensavel nos gabinetes de todos os amadores.

R. P.

J. Fortes — LA SPIRALE PRÉHISTORIQUE ET AUTRES SIGNES GRAVÉS SUR PIERRE. (Extracto da *Revue préhistorique*, anno I, n.º 10). Paris, 1907.

Este trabalho, que o nosso presado camarada inseriu na importante publicação archeologica franceza, trata da diffusão de archaicos elementos decorativos ou symbolicos na Europa proto-historica, de quaes os caminhos seguidos e das relações que se deram então entre a Peninsula iberica e a antiga Hibernia, concluindo:

a) que a espiral, as curvas concentricas e outros signaes gravados em pedras se encontram tanto na velha Lusitania como na Irlanda;

b) que se não pôde pôr em duvida que, desde a idade do bronze, relações prehistoricas existiram entre estas regiões.

O auctor perfilha a hypothese de que a introdução d'estes signaes na ilha irlandeza se teria realisado pela via do littoral iberico para noroeste, como a mais directa e accessivel.

F. C.

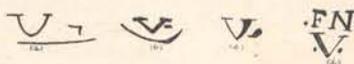
João Monteiro de Meyra — O CONCELHO DE GUIMARÃES (*Estudo de Demographia e Nosographia*). in 4.º, 182 pags. Porto, 1907.

Eis uma dissertação inaugural, apresentada á Escola Medico-Cirurgica do Porto pelo novo medico João de Meyra, que não causa pejo á corporação scientifica que a acceitou, nem irá pejar, por demais, os archivos das Escolas congeneres, como tantos milhares de outras que por lá jazem, amontoadas e poeirentas, n'um justo esquecimento.

O seu auctor, sympathico moço estudioso, deixa-nos antever um futuro homem de sciencia, util ao nosso Paiz, patenteando-se desde já um investigador activo e entusiasta. A dissertação consiste no estudo estatistico da collectividade humana do concelho de Guimarães, observando as suas condições mesologicas, fazendo-lhe a historia politica, tentando estabelecer as suas caracteristicas ethnicas e mostrando as doencas que mais a depauperam.

A indole d'esta revista interessa, sobretudo, o capitulo «Anthropologia», de pags. 41 a 47. N'elle estuda o auctor a estatura de 1238 homens, segundo o registro camarario das guias dos mañecbos recrutados no territorio vimaranense, durante o trienio de 1899-1901.

A estatura média obtida é de 1^m,611 ou antes 1^m,623, se lhe juntarmos os doze millimetros necessarios para a obtenção da estatura definitiva. E', pois, o vimaranense de estatura média baixa, inferior 15 millimetros ao minhoto da região d'entre Cavado e Ancora e 13 ao de Castro Laboreiro. Na seriação a duas unidades o maximo de frequencia cabe em 1^m,62 e 1^m,61 com tendencia para as pequenas estaturas.



S. IOZE

MATOS

MAIRA

Fig. 9—1/3 da gr. nat.

Pena foi que o auctor não tivesse formado o quadro de agrupamentos para avaliarmos a mestiçagem dada na população, comparativamente com a dos tempos pre-historicos e proto-historicos do nosso paiz. No quadro XXVI o auctor apresenta as médias por freguesias, o que tem a vantagem de podermos notar mais tarde a distribuição das estaturas no mappa geral que se intenta fazer. João de Meyra quer deduzir a influencia menor das raças de alta estatura. Assim parece. E a influencia predominante seria ainda a da raça-mãe de Beaumes-Chaudes? Se na sua investigação tão cuidada tivesse aproveitado o ensejo de colher indicações sobre a cor dos olhos e do cabelo da população cujo territorio percorreu, o que lhe seria relativamente facil, poder-se-hia concluir, desde já, com certa segurança, quaes as influencias que mais concorreram na formação do typo vimaranense. Um caracter por si não basta; só um conjunto de caracteres somaticos poderá mostrar-nos a verdade scientifica. E a não ser assim arriscamo-nos a divagar, phantasistas, pelo campo das hypotheses.

Como o novo homem de sciencia se apresenta já dotado de tão excellentes facultades de investigador, esperamos, se o arranjo politico o não transviar, que elle nos dará qualquer dia os caracteres ethnicos da terra vimaranense que tanto ama, com a firmeza e segurança do bom methodo scientifico, em livro substancioso e util como este que acabamos de ler.

F. C.

A. Thomaz Pires — **CANCIONEIRO POPULAR POLITICO. Trovas recolhidas da tradição oral portugueza**, 8.º, VIII-98 pags. 2.ª ed. Torres de Carvalho ed. Elvas, 1906.

Colleccionação de versos politicos allusivos á invasão franceza, ao movimento liberal, á revolução de setembro, á Maria da Fonte, á Regeneração, etc., com certos passos esclarecidos d'onde a onde pelas notas do collecter. Antecede-a uma carta de Oliveira Martins ao activo e intelligente folk-lorista alem-tejano, que registra e commenta a escassez das nossas cantigas politicas e o desinteresse do povo portuguez pelas bulhas partidarias. Com elle tambem crêmos que varias das composições agora reunidas são antes pacotilha politico-litteraria do que espontanea criação popular.

R. P.

J. Leite de Vasconcellos — **ENSAIOS ETHNOGRAPHICOS**, 8.º, III, VIII-408 pags. Imp. Lucas. Lisboa, 1906.

Como estava promettido, sahio mais um volume da obra já em parte commentada a pags. 135-6 do II tomo da *Portugalia*. As grandes divisões das materias são assim epigraphadas: *Noticias bibliographicas* (1881-4), *Superstições populares* e *Historia dos estudos feitos acerca das tradições populares portuguezas*. Só est'ultima parte é, em geral, inedita; as outras duas reeditam trabalhos já publicados, muitos dos quaes foram mesmo incorporados em obra de maior tomo. E, como sobre os processos de elaboração e redacção nada tenhamos a acrescentar ás considerações expressas na critica alludida, bastanos, no momento, registrar mais esta publicação folk-lorica portuguesa.

Entretanto, no *Additamento* á secção historica, ha umas referencias ao commentario aqui exarado, remetendo-se o leitor para uma publicação official mais expandida, *O Archeologo Português* (tomo XI, 1906), onde se responderá a quem isto escreve. A annotação que essa resposta provoca não a incluímos no corpo d'esta revista. Sahirá em *Supplemento* á secção bibliographica do presente fasc. 3.º do II tomo.

R. P.

Francisco Baptista Zagallo — **RELATORIO DA EXPOSIÇÃO ALCOBACENSE REALISADA DE 1 A 13 DE MAIO DE 1906** e **Manuel Vieira Natividade** — **ALCOBAÇA D'OUTRO TEMPO**, 8.º gr., 74 pags. e varias ests. no texto. Alcobaca, 1906.

A primeira parte d'este opusculo occupa-se da historia da exposição realisada na villa de Alcobaca em 1906, da descripção das installações e dos commentarios que o modesto certamen suggeriu ao relator, tudo n'uma linguagem exuberante, grandiloqua, apothetica mas sympathica pelo sentimento que traduz. Na segunda parte o nosso presado collaborador, snr. Vieira Natividade, traça o quadro da evolução da industria humana, alludindo a proposito, n'esta succinta romagem, ao mobiliario archeologico regional que elle descreveu e illustrou no primeiro tomo da *Portugalia* e agora expoz no certamen referido. A annotar alguns interessantes extractos das *Cartas de povoação* dadas pelos frades de Alcobaca aos seus colonos, varias referencias a industrias extinctas, quasi esquecidas e moribundas, e outras ainda ás industrias profissionaes e caseiras.

Desejariamos vêr, com mais pormenor, as de olaria, cortumes, cutellaria, tecelagem, tinturaria, obra de malha, seccagem da fructa, queijaria e outras, tratadas com a latitude e desvelo que um investigador experimentado como o snr. Vieira Natividade pôde imprimir-lhe. E nutrimos a esperanza de que o fogo patriotico que o aquece, e as suas qualidades de indagador e estudioso o estimulem a tal, ainda um dia.

R. P.